



“ENFIM, É A GUERRA”: BIOGRAFIA MILITAR E A TRAJETÓRIA DE UM VETERANO DA FEB

GUILHERME NICOLINI PIRES MASI*

Narrar trajetórias é uma tarefa desafiadora para os/as historiadores/as que por um lado devem estar atentos aos riscos de tomar vidas com uma linha fixa e pré-moldada. Por outro lado, a história individual pode ser um caminho possível para o entendimento de períodos históricos, nos propiciando maneiras de percorrer espaços, tempos e as relações que lá se estabeleciam. Através da biografia do militar Solon Rodrigues D’Avila, é possível compreender de maneira mais aprofundada o processo de formação e profissionalização dos Oficiais do Exército Brasileiro nos anos que antecederam a entrada do país no conflito, bem como os percursos da modernização que equipou e capacitou o país para a Segunda Guerra Mundial. De tal maneira pretendo neste texto exercitar algumas possibilidades da escrita biográfica para análise das trajetórias de militares.

O objeto deste texto é apresentar um breve esboço da trajetória militar do Coronel Solon Rodrigues D’Avila. Portanto, o recorte temporal aqui estabelecido se dá entre os anos entre 1936 a 1945. Anos da formação profissional, das primeiras unidades e finalmente sua atuação, como Oficial de Transmissões, junto ao 1º Esquadrão de Reconhecimento da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE/FEB), período no qual ocupava a patente de 1º Tenente. Dessa forma, não abordo aqui o período em que Solon permaneceu no Exército brasileiro após seu retorno da Itália, período no qual é promovido ao posto de Coronel. Seu desligamento formal do Exército dá-se em 1969, por ter assumido cargo na Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Sul, recebendo Medalha Militar de Ouro, concedida pelo tempo de serviço de 32 anos.

Trajetória de um militar

Nascido no interior do Rio Grande do Sul, na cidade de Vacaria no ano de 1917, Sólón iniciou sua carreira militar no Colégio Militar de Porto Alegre. Após os anos de escola básica ingressa, em Abril de 1936, no Corpo de Cadetes da Escola Militar da guarnição do Realengo,

* Mestrando em História – PPGH/UFRGS. E-mail: guilhermenpm@gmail.com

na então Capital Federal, Rio de Janeiro. Por três anos ele se dedica aos estudos na Escola Militar e, em 12 de dezembro de 1939 é declarado a Aspirante à Oficial da Arma de Cavalaria. Em janeiro do ano seguinte ingressa no 3º Regimento de Cavalaria Divisionário (3ºRCD), Regimento Osório, unidade localizada na capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Permanece neste regimento por aproximadamente 1 ano, sendo promovido a 2º Tenente. Junto com a promoção, recebeu a classificação para seu novo regimento.

No primeiro semestre de 1941, Solon é incluso ao 1º Regimento de Cavalaria Independente (1ºRCI), unidade que se localizava em Santiago do Boqueirão, no oeste gaúcho. Em abril de 1943 todo o 1ºRCI seria transportado de Santiago do Boqueirão/RS para a cidade de Itaqui/RS, uma distância de aproximadamente 200 km. O deslocamento deste regimento é lembrado por Solon com saudosismo em suas memórias e em seu diário pessoal escrito durante a campanha da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na guerra (Setembro de 1944 a Agosto de 1945). Na época o 1ºRCI, como quase todas as outras unidades de cavalaria do exército brasileiro, era hipomóvel, ou seja, o transporte deste regimento se deu no lombo de cavalo. Era a realidade de um país que importava a maioria de seus equipamentos militares, que além de serem antiquados, eram em número insuficiente para atender às exigências da guerra que se avizinhava. As Forças Armadas, mas em especial o Exército, tinham uma enorme carência de pessoal e principalmente material como “carros de combate, equipamentos de comunicação, engenharia, logística e peças de artilharia até para a defesa das fronteiras contra os tradicionais inimigos potenciais do Prata”(FERRAZ, 2005, p.43). Nesta época as forças terrestres brasileiras dispunham de efetivos na ordem aproximada de 90 mil (CARVALHO, 2005, pp.87-88) soldados, distribuídos pelas inúmeras unidades espalhadas por todo o território nacional. Estes números não são consenso na historiografia consultada, e apresentam valores crescentes no decorrer dos anos. Os valores que se referem ao contingente militar brasileiro no fim da década de 1930 até 1943 apresentam uma variação entre 47 e 93 mil homens. Nos anos seguintes (1944) o contingente brasileiro atingiria números na ordem de 144 mil homens, e 180 mil no ano de 1945.

Para auxiliar o planejamento e execução dos esforços necessários para efetivar as complexas operações militares daquele momento, foram criadas duas comissões militares conjuntas – *JBUSDC* e a *JBUSM* –¹, formadas por militares de Brasil e EUA, no contexto que

¹ As tratativas e as razões que definem a aliança militar brasileira com os EUA perpassam pela atuação e deliberação dos militares das *Joint Brazil United States Defense Commission* – *JBUSDC* (Comissão Conjunta de

estabeleceu a aliança militar entre os dois países. Lembrando que a “neutralidade” brasileira fora quebrada após o ataque japonês à *Pearl Harbour*, em dezembro de 1941. Fato que levou os EUA a chamar em definitivo à unidade política os países americanos frente à “ameaça estrangeira”. Na III Reunião dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, ocorrida em janeiro de 1942, o Brasil rompe as relações diplomáticas com a Alemanha, ato que praticamente colocava o país em guerra contra os países do Eixo. Esta de fato não tardou a chegar, na noite de 15 de agosto de 1942 os *U-boot*² alemães atacaram embarcações brasileiras, vitimando 551 pessoas entre passageiros e tripulantes. Nos dias que se seguiram ocorreram novos ataques com vítimas brasileiras, fato que gerou comoção e revolta na opinião pública. No dia 22 de Agosto, o Brasil declara estado de beligerância contra Alemanha e Itália, a 31 de Agosto declara formalmente guerra.

A trajetória de Solon coincide com estas necessidades do exército de ampliar e qualificar seus quadros. Logo após ser promovido a 1º Tenente, em Maio de 1943, seria novamente transferido. De uma unidade do interior do Rio Grande do Sul (o 1ºRCI) iria prestar serviço no Regimento Andrade Neves (RAN), guarnição localizada na Capital Federal. Solon retornava ao Rio de Janeiro, fato que revela ter lhe causado estranhamento, já que não esperava ser transferido para outra unidade “de maneira tão rápida” (D’AVILA, 2001, p.22). Especialmente por se tratar de “uma unidade de elite” no Rio de Janeiro, centro onde ficaram mobilizadas as tropas que iriam compor o Corpo Expedicionário. Solon é incisivo ao descrever a “agradável surpresa” de sua transferência, fato que permaneceu para si um motivo de mistério. Num tom autodepreciativo argumenta que era apenas um “Tenente desconhecido lá de Itaqui”. Embora a surpresa de Solon com sua transferência possa ter sido um motivo de

Defesa Brasil Estados Unidos - CCDBEU) tinha sede em Washington (EUA). E da *Joint Brazil United States Military Commission – JBUSMC* (Comissão Militar Conjunta Brasil Estados Unidos - CMMBEU) tinha sua sede na então capital federal brasileira, cidade do Rio de Janeiro. Além de viabilizar diversos programas de reestruturação das forças armadas brasileiras, como o famoso *Lend Lease* (que subsidiou e financiou a compra de equipamentos tanto civis quanto militares), estas comissões constituíram uma verdadeira missão militar, visando à reorganização das estruturas militares brasileiras. Inclui-se aí as escolas militares, oficinas, unidades combatentes e de serviços, além de influir na adoção por parte do Exército Brasileiro de normas, munições, armas e sistemas de armas exclusivamente de origem estadunidense. Além de efetivar o processo de reorganização e disseminação das doutrinas estadunidenses no Exército Brasileiro através de um intercâmbio de militares para estudar em academias e centros de treinamento nos EUA. Outra importante função destas comissões foi a de dar treinamento e assessorar a Força Expedicionária Brasileira no Brasil e na Itália, gerenciar o tratamento e evacuação dos feridos de guerra brasileiros internados em hospitais dos EUA, além de opor-se à desmobilização da FEB no pós-guerra. Ver: OLIVEIRA, Dennison de. *Aliança Brasil-EUA: Nova História do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Curitiba: Jorua, 2015.

² Abreviação de *Unterseeboot* que na tradução literal significa “barco submarino”.

mistério durante toda a sua vida, é possível cogitarmos que transferência decorra das necessidades do Exército em centralizar em unidades estratégicas os jovens Oficiais. Além de ter sido Diretor da Escola Regimental de Santiago do Boqueirão, aparecem em suas alterações algumas notas de premiações em provas esportivas, com destaque para Hípica, além de Recompensas e Louvores por desempenhar com “disciplina”, “inteligência” e “capacidade” seus serviços. Em suas alterações também constam boas recomendações de seus superiores, o que nos pesar que sua transferência para o Rio de Janeiro não tenha sido mera coincidência. Contudo, os critérios de transferência interna dentro das instituições militares é um tema pouco abordado mesmo pela bibliografia especializada, assim esta é uma questão que deverá ser mais bem observada ao longo desta pesquisa.

Na oportunidade de sua transferência para o Rio de Janeiro, Solon é designado compulsoriamente para o curso de Transmissões junto à Escola de Transmissões do Exército, permanecendo adido como instrutor até o momento em que se voluntaria para a FEB. O curso de Transmissões consistiu de um total de 217 horas/aula, sendo as especializações divididas da seguinte forma:

Tabela: Curso de Transmissões da Escola de Transmissões do Exército (1943)

Especialidade	Total de Horas/Aula
Recepção e Transmissão Morse	70 Horas
Emprego Tático das Transmissões	15 Horas
Telefonia	50 Horas
Eletricidade	21 Horas
Rádio	40 Horas
Prática de Filmes	4 Horas
Exploração	17 Horas
Total	217 Horas

Os homens recrutados para a FEB deveriam receber um treinamento básico, praticar exercícios de combate com equipamentos que seriam utilizados no *front*. Mas a realidade era

outra até mesmo entre os oficiais instrutores. Estava previsto nos acordos estabelecidos com os EUA, que o Brasil receberia equipamentos (matéria e munição) a serem destinados ao treinamento da tropa da Força Expedicionária. A quantidade de material correspondia em pelo menos 50% do total empregado por uma divisão de infantaria, contudo este equipamento “jamais foi entregue” (OLIVEIRA, 2015, pp.169-251). O depoimento do então tenente Solon comprova a falta de material atualizado empregado tanto no Curso de Transmissões, como no treinamento do Esquadrão de Reconhecimento:

Quando cheguei no Morro do Capistrano, o Esquadrão se preparava para embarcar. Fiz alguns exercícios de transmissões, mas como não tínhamos o material que iríamos usar na Itália foi um treinamento sem muita objetividade. Treinávamos com rádios antigos que eu já conhecia do curso. Eu só fui conhecer os aparelhos que utilizei na guerra lá na Itália, quando recebi o material norte-americano. (D’AVILA, 2001, p.23)

Onde supostamente os soldados entrariam em contato com material empregado no *front*, foi, na realidade, realizado um “treinamento sem objetividade” e com “material antigo”. De fato a FEB só seria armada e equipada na Itália, quando finalmente os soldados entraram em contato com as viaturas e o restante do material que seria empregado durante os combates.

Em seu depoimento o coronel Solon também revela que além de passar instruções de conteúdos mais técnicos, como a operacionalidade de rádios e outros materiais de comunicações, era sua responsabilidade incutir nos soldados um senso de dever patriótico, evidentemente no intuito de estimular o voluntariado para a FEB. “Eu repeti tanto este ‘blá-blá-blá’ que acabei me convencendo que deveria me apresentar voluntário para a FEB” (D’AVILA, 2001. p.23). A necessidade de um “blá-blá-blá” para convencer e motivar os soldados traduz uma realidade importante, a de que o esforço necessário para a criação da FEB não seria possível se ficasse restrito apenas ao âmbito militar profissional. Na época muitos militares profissionais usaram dos mais diferentes subterfúgios para escapar da guerra. A informalidade nas relações pessoais seria usada por muitos militares para conseguir dispensa ou transferência para unidades que não iriam para além-mar. Além disso, “o baixo nível de alfabetização e adequação física das unidades militares brasileiras” (FERRAZ, 2005, p.46), fez com que o Ministério da Guerra brasileiro optasse pela criação de unidades expedicionárias compostas por homens de todo o território nacional. Num esforço que envolveu diretamente a sociedade civil, fizeram parte da FEB, além dos militares regulares,

voluntários e conscritos convocados. Ou seja, como em outros países que mobilizaram Forças Expedicionárias durante a Segunda Guerra, o Brasil também precisou transformar seus jovens em cidadãos/ãs-soldados, convocando milhares de homens e mulheres para o serviço militar.

A muito custo o Brasil conseguiu treinar uma Divisão de Infantaria – 1ªDIE³ – que estreou-se em combate na Itália, em Setembro de 1944. Embora este fosse o quadro geral das tropas da FEB, muitos dos civis tinham sim alguma capacitação técnica e que seriam bem ou mal aproveitadas pela FEB durante a campanha. É o caso de alguns radiotelegrafistas civis, que foram incorporados ao 1º Esquadrão de Reconhecimento (1ºEsqdRec) da FEB, como recorda o próprio Solon. Em que pese à prévia falta de treinamento com os equipamentos que seriam empregados no *front*, e de todas as dificuldades encontradas durante a guerra, tanto a memória quanto a historiografia consagram o 1ºEsqdRec como tendo protagonizado vitórias expressivas. As tropas brasileiras atuaram num *front* dito como secundário, mas a realidade daquela guerra tornava qualquer frente de combate igualmente importante e arriscada. Os soldados brasileiros demonstraram em combate enorme capacidade, desempenhando tarefas de enorme risco. Contra um inimigo tarimbado, muito melhor equipado e dispondo de posições defensivas favoráveis (localizadas na cadeia de montanhas dos Apeninos, conhecida como Linha Gótica).

29 de abril
Rendição da 148 Divisão Alemã!!!
Nada necessito escrever... nunca esquecerei as cenas deste dia....

Uma vez no *front*, as tropas brasileiras participaram de muitas operações de combate, dentre elas a famosa manobra de cerco que culminaram no fim de Abril de 1945 com a rendição e aprisionamento de toda 148ª Divisão do Exército alemão. Fato de enorme expressão em termos técnico-militares e, comentada de maneira muito peculiar por Solon em seu diário.

Escrita de Si, Trajetórias e História Militar

Atualmente muitos trabalhos alertam para os problemas que se colocam para os/as historiadores/as que se propõem a narrar trajetórias pessoais. A autora Adriana Barreto Souza,

³ 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária

que escreveu uma biografia de Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro, alerta que o espaço para as biografias na História continua ainda de certa forma limitado. Para aquela historiadora, ainda predominam dois usos da biografia: a biografia representativa e o estudo de caso. A primeira sobrevém da ideia de se produzir uma síntese que represente uma determinada coletividade em contraposição de uma análise que busque o do que há de singular nessa trajetória. A segunda ilustra bem o procedimento, um estudo de caso que precedido de uma análise estrutural – “o contexto” – para, só depois ser inserido ilustrativamente dentro daqueles quadros explicativos.

Passo a analisar as diversas “biografias” de Solon. Embora não exista nenhuma “biografia oficial” propriamente dita, identifico em minhas fontes diferentes narrativas “biográficas” e “autobiografias”. Para o entendimento do que procuramos, parto de algumas noções que a historiadora Ângela de Castro Gomes, desenvolve no prefácio do livro *Escrita de Si, Escrita da História* (GOMES, 2004). Esta historiadora compreende que as “práticas da escrita de si” ou “escrita auto-referencial” devem ser entendidas dentro de um conjunto de ações que variam desde o próprio exercício da escrita até o recolhimento e preservação de objetos materiais que constituíram uma “memória de si”. Estes atos biográficos evidenciam a relevância para os homens e mulheres, mesmo que inconscientemente, “dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionados com suas próprias vidas, que de alguma forma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignas de serem lembradas” (GOMES, 2004, p.11). É o caso exposto nesta de pesquisa, que compreende o diário de campanha do coronel Sólon Rodrigues D’Avila inserido nesse conjunto de práticas discursivas, ou seja, um escrito de si. Mas não só. Também seus objetos pessoais, medalhas, diplomas, álbuns de fotografias, recortes de jornais, cartas, fardamentos e armas que “materializam a história do indivíduo e dos grupos a que pertence” (GOMES, 2004, p.11). Estes artefatos, junto a outros documentos, tais como sua Caderneta de Assentamentos, entrevistas e depoimentos, que fazem referência ao período que Sólon esteve no exército e na guerra, constroem uma “identidade para si, através de seus documentos” (GOMES, 2004, p.11). Compõem registros de sua “vida militar”.

A escrita de si pode ser vista como uma história espontânea e amadora, mas que organiza indícios históricos, cerzindo conjuntos de temas que dizem muito a respeito dos domínios da vida social e privada. Nas entrelinhas desta escrita aparece a coletividade que

envolve e condiciona os indivíduos, mas que ao mesmo tempo o força a falar umas coisas e a calar-se sobre outras. De acordo com a historiadora Maria Teresa Cunha a escrita de si, quando usada para contar, conserva e guarda a experiência humana, “salva do esquecimento e fixa no tempo vestígios do passado” (CUNHA, 2015, p. 251). Escrever constitui ainda, uma forma de produção de memórias e passados. Desta forma, os diários – e aqui especificamente o diário de campanha – nos possibilitam uma ótima fonte de investigação histórica, sobretudo porque apresentam uma grande carga de subjetividade.

Esquecidos ou muito bem guardados, os diários emergem do tempo, sobreviventes de anos em caixas ou fundo de gavetas. Cúmplices de instantes permanecem silenciosos por anos. Frágeis guardiões sustentam-se impávidos aos segredos do inconsciente que carregam em seu âmago. Altares de memória recebem como oferendas sentimentos que singram suas linhas. Queixosos do fogo e das traças que os profanam, tornam-se relicários para historiadores/as que os desnudam.

11 de março

Um domingo bem chuvoso. São 11 da manhã. Hora que termina a missa. Hora de praia... Em vez estou aqui em Formi, um pequeno povoado no pé de grande monte onde nossas tropas estão em posição. A Art. inimiga começou a atirar e pelo estremecimento da terra, vê-se que os projéteis estão se aproximando de nós... mais um bombardeio, com certeza... Enfim, é a guerra. Estou morando só em um pequeno quarto todo de pedra. O forro todo esburacado, lembra um velho galpão de guardar milho. A luta continua.

Certamente o Diário de Campanha do Coronel Solon foi, e ainda é, o objeto de maior potencial transformador da biografia de Solon. De objeto de catarse e trincheira, à memória de papel. Aquele escrito de si é resinificado em diversos momentos da vida do coronel, servindo de base para construção e reconstruções de suas narrativas autobiográficas. Hoje, sob a salvaguarda do acervo do MMCMS (acervo este que também carrega um caráter biográfico), o diário foi escrito durante a guerra, mantido a salvo das intempéries do tempo, junto ao escrevente que a ele confienciava sua vida. Estabelecia-se lá um “Pacto Autobiográfico” (LEJEUNE, 2008), um pacto entre o escrevente e si próprio, narrando-se em seus instantes únicos, fluindo seus sentimentos, angustias, alegrias, frustrações, expectativas, enfim. Constrói-se ali um Solon.

Considerações finais

No pós-guerra o diário não é mais catarse ou trincheira, ele já é memória, memória de papel. Guardado por anos, sobe sigilo até mesmo da família, torna-se memória, que será preservada, mantida, guardada, arquivada. O diário permanece, a grafia original, a letra indigesta para os historiadores que se dedicaram a transcrevê-lo, não sofreu alterações. Eventualmente alguma anotação foi feita, a lápis nas margens, destacam um episódio já enquadrado pela memória. O texto não foi reelaborado, tão pouco foi editado ou publicado por seu autor, nem mesmo pela família. Mas preservado, foi retomado, relido, ressignificado. Com quase 90 anos, Solon da um depoimento/entrevista ao Projeto de História Oral do Exército, Brasil na 2ª Guerra Mundial. O resultado dessa entrevista é publicado pela Bibliex em 2001. Solon esquece, altera, reconstrói e reformula sua vida e sua guerra. Seu depoimento é claramente amparado no, agora velho, Diário de Campanha. Surge outro Solon, produto de ressentimentos, refinamentos e enquadramentos. A guerra também não é mais a mesma.

O coronel Solon Rodrigues D'Avila faleceu no dia 29 de janeiro de 2008. No obituário do jornal Zero Hora uma nota de falecimento contava a vida do ex-combatente da FEB. Em 2010 o então vereador da cidade de Porto Alegre, Mauro Zacher, encaminha um Projeto de Lei para dar denominação a um logradouro público. Ao expor os motivos de seu PL, o vereador narra outro Solon. Por entenderem importante, as filhas do falecido coronel doam seu acervo pessoal ao MMCMS. Acervo que também ajudaram a construir. Repete-se Solon, como arquivo, como memória pública e familiar, como vida musealizada, como objeto de pesquisa.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenadoras). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1998. pp. 183-191.

CARVALHO, José Murilo de. **Forças Armadas e Política no Brasil** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

CARVALHO, Virgínia Mercês Guimarães. **Ex-Combatentes do Brasil – Entre A História e a Memória do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1945-2009)**/ Orientador: Antônio torres Montenegro, UFPE, CFCH, PPGH, Recife, 2009. Dissertação em História.

CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz. **O Brasil na II Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960, p. 77.

CASTRO, Celso. **O Espírito Militar: um antropólogo na caserna**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor e KRAAY, Hendrik (orgs.). **Nova História Militar Brasileira**. RJ: FGV, 2004.

CUNHA, Maria Teresa. **Diários Pessoais. Territórios abertos para a História**. In Carla Bassanezi Pinski e Tania Regina de Luca (Orgs.). *O Historiador e suas fontes* – 1.ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015

D'AVILA, Solon Rodrigues, 2001. **Coronel Solon Rodrigues D'Avila**. In MOTTA, Aricildes de Moraes (Org). *História oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo: 7. Rio de Janeiro: Bibliex, 2001.

FERRAZ, César F. **A guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945 – 2000)**. Tese de Doutorado. (Doutorado em História). USP, 2003.

_____. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **Considerações historiográficas sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial: balanço da produção bibliográfica e suas tendências**. In. Dossiê Brasil na Segunda Guerra Mundial, Revista Esboços, Florianópolis, v. 22, n. 34, jul. 2016.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**. Ângela de Castro Gomes (Org). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MAXIMINIANO, César Campiani. **Neve, fogo e montanhas: a experiência brasileira de combate na Itália (1944/1945)**. In CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor e KRAAY, Hendrik (orgs.). *Nova História Militar Brasileira*. RJ: FGV, 2004., pp.344-345.

OLIVEIRA, Dennison de. **Aliança Brasil-EUA: Nova História do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Curitiba: Jorua, 2015.

_____, Dennison de. **Extermine o Inimigo: Blindados brasileiro na Segunda Guerra Mundial**. Curitiba: Jorua, 2015.